

RIGOR DA FORMA

Um enigma para o detetive Alyrio Cobra

Vera Carvalho Assumpção

Nota: Naturalmente, os personagens deste romance, seus nomes e as situações nas quais se vêem e atuam são fruto da invenção da autora.

Ao contrário, pertencem à realidade os dados sobre o medicamento Celobar, extraídos de inúmeros artigos que veicularam por toda a imprensa. Para quem não conhece ou esqueceu-se do caso, refiro-me a uma cronologia de foi publicada pelo jornal A Folha de São Paulo e reproduzido pela Folha On Line de 10/06/2003.

Quando esta aventura foi vivida e narrada, a estátua de Francisca Júlia, de Brecheret, esculpida em mármore, ficava sobre seu túmulo no Cemitério do Araçá. Em 2007, foi retirada do seu túmulo, que ganhou uma cópia de bronze, e levada para a Pinacoteca do Estado.

1.

- E a senhora quer saber o que ocorreu? – Alyrio abriu os braços diante de uma cliente que lhe pedia para investigar o improvável.

- Eu preciso saber. – A voz era firme. - Para a polícia foi cômodo encerrar o caso como se fosse mais uma morte pelo uso do medicamento Celobar de um lote com defeito. Tenho lido os jornais. O tal medicamento está matando pessoas. Tudo indica que ocorreu um fato idêntico. Minha filha teve úlcera no duodeno. Havia terminado o tratamento e fez um exame que utilizava raio-x para confirmar o diagnóstico de cura.

Alyrio olhava aquela cliente com um pouco de desânimo. A história não o convencia. Correu os olhos pelas paredes, não se fixou em nenhum ponto. Voltou a fitar a mulher que queria contratá-lo e o encarava com um olhar que exigia resposta.

Percebendo que ele não punha plena confiança no caso, sem desviar o olhar, ela fez um esforço para dominar uma mecha de cabelo que teimava em escorrer-lhe pelo rosto. Exalou um profundo suspiro. Tentou convencê-lo contando a mesma história pela segunda vez.

- O exame foi realizado sábado pela manhã. Vitória, minha filha, saiu do hospital na hora do almoço. Em seguida, uma série de amigos foi visitá-la. Poucas horas depois ela começou a suar frio, a sentir dores de barriga. Ângela, a amiga com quem ela morava, fez um chá, pensando ser uma indisposição por terem bebido e comido demais. Meia hora depois, ela começou com vômitos e tremores musculares. Ângela se apavorou, levou-a para o pronto socorro. Quando chegaram ao hospital, ela estava ofegante, sem conseguir falar. Estava tão mal que foi direto para a UTI. Quando eu cheguei ao hospital, creio que uma hora após ela ter sido internada, já estava morta.

- Não sei quantos foram os casos pelo país, mas foram muitas as pessoas que morreram nas mesmas condições. – Alyrio tentava formular uma explicação que a convencesse. – Sua filha ingeriu a mesma substância para destacar órgãos em exames de imagem. Todos os jornais do país noticiaram as ocorrências. O laboratório está com sérios problemas financeiros e

operacionais. Até que conseguissem recolher o lote do medicamento com defeito, os estragos foram muitos. Infelizmente sua filha foi uma das vítimas.

- Alguém aproveitou da situação e, sabendo que ela ia fazer o exame, providenciou-lhe uma boa dose de veneno de rato. Foi a casa dela logo depois que ela havia retornado do hospital e fez com que o ingerisse. – Maria Lya falava quase que soletrando cada palavra, como se precisasse explicar a uma criança. – Conversei com o diretor do hospital, ele me garantiu que não recebeu do tal lote com defeito. No hospital em que ela fez o exame, não houve outro caso.

Mais do que ouvir, Alyrio observava a mulher à sua frente e refletia sobre o caso. Havia lido nos jornais os problemas que a tal substância para destacar órgãos em exames de imagem havia causado. Com certeza mais de vinte mortes. Era simplesmente mais um dos crimes por negligência que ficariam impunes. O laboratório estava sendo processado e estava se defendendo com mil justificativas esfarrapadas. Iria procurar os artigos e reler a fim de captar algum detalhe despercebido. Diante dos sintomas, era difícil imaginar que a filha de dona Maria Lya não fosse simplesmente mais uma das vítimas. Continuou a ouvi-la.

- Segundo li nos jornais, a substância para o contraste usava sulfato de bário. Na tentativa de baratear custos, o laboratório manipulou o carbonato de bário que é usado em veneno para ratos. Algum alquimista maluco tentando transformar o carbonato em sulfato e ganhar mais dinheiro. – Ela continuava com a voz de quem queria convencer uma criança desatenta. – No entanto, tenho certeza de que alguém que visitou minha filha após o exame, tendo lido jornais, não perdeu tempo e levou um pouco de veneno de rato para sua casa. Lá, no meio de um bando de gente que improvisou uma festinha, foi fácil misturá-lo a alguma comida ou bebida.

Alyrio coçou a cabeça, olhou a sala decorada com muito bom gosto, porém nada que demonstrasse riqueza. Fixou o olhar na mulher que o estava contratando, dona Maria Lya. O cabelo escuro escorria ao lado da face. Havia uma mecha impertinente que ela lutava em manter fora do rosto. Usava óculos de leitura, eles estavam pendurados no peito. Os olhos castanhos sondavam a face de Alyrio em busca de respostas. Se encontraram, nada refletiram. Suas feições eram talhadas com nitidez, nariz proeminente, boca bem desenhada,

maxilar anguloso, mas o efeito que emanava daquele rosto era bem harmônico. De toda a sua figura, o que mais chamou a atenção de Alyrio foi a alvura da pele. Com certeza ela jamais se expôs ao sol.

- Vamos aos fatos, – ela tomou fôlego. - Minha filha tinha trinta e dois anos. Desde os vinte e cinco vivia num apartamento bem pequeno. Teve alguns namorados que viveram com ela não mais do que uns poucos meses. Ultimamente uma amiga estava lá e dividiam as despesas. Quer dizer, despesas de água, luz e telefone, pois aluguel, condomínio e impostos eu e o pai dela bancávamos.

- A senhora tem certeza que um de seus amigos, cheio de ódio ou ímpetos assassinos, foi ao apartamento logo depois do exame e deu a ela uma dose de veneno de rato por conta da onda de mortes provocadas pelo Celobar? – Alyrio tentava esclarecer em sua mente o que lhe parecia bastante improvável.

- Uma forte intuição me dá essa certeza. – Ela ficou parada com os olhos arregalados, fixos nele. - Por isso o estou contratando. – Mais uma pausa. - Acredito que esse mesmo amigo organizou uma turminha para ir lá confortá-la e facilitar as coisas. Segundo fui informada, logo que minha filha chegou do exame, havia umas dez pessoas no apartamento.

- A senhora tem a lista de nomes dos amigos por onde eu possa começar? – Ele percebeu que se não aceitasse o trabalho, ela contrataria outra pessoa. Não haveria argumentos para demovê-la daquela ideia.

Maria Lya se levantou, pegou uma folha de papel de cima de um móvel. Alyrio observou a mulher esguia e jovial que não demonstrava em nada alguém que tivesse uma filha com mais de trinta anos e muito menos que tivesse passado pela morte trágica e recente desta filha.

- Aqui está o endereço do apartamento em que ela morava. Já devolvi para o proprietário, mas sei que está sendo pintado, ainda não foi alugado. O zelador vai mostra-lo sem problemas. O único objeto que peguei das coisas dela foi o celular. Nele havia todos os telefones com quem ela se relacionava. Anotei tudo antes de cancelar.

- A senhora sabe que meus honorários são altos. Vale a pena pagar só para satisfazer uma curiosidade? – Alyrio fez uma última tentativa.

- Não é simplesmente satisfazer uma curiosidade. – Sua voz era enérgica, o olhar bravo. - Houve um assassinato! Estou lhe pagando para descobrir o assassino,

Alyrio não pôde evitar um suspiro. Por um momento, ela limitou-se a fitá-lo com olhos de cobra. Aos poucos seu olhar foi perdendo a força.

- Mesmo que o senhor não consiga nenhuma outra informação, quero saber quem esteve em seu apartamento depois que ela fez o exame, – ela falou. - Quero saber quem organizou a festinha para recepcioná-la. Segundo Ângela e o zelador, umas dez pessoas passaram pela casa nesse dia. Segundo eles, nos últimos meses minha filha estava saindo com um sujeito.

- Este sujeito tem nome?

- Deve ter, mas não me dei ao trabalho de perguntar. Gostaria que me informasse tudo sobre a vida desse sujeito.

Alyrio franziu a testa, informou o preço do seu serviço. Ela nem pestanejou diante do valor. Pegou o talão, preencheu o cheque. Ele reparou que Maria Lya era uma mulher interessante. O jeito de falar, sua expressão, seu gesto de tirar uma mecha de cabelos escuros sobre os olhos enquanto preenchia o cheque, suas sobrancelhas bem delineadas, seu nariz grande, aristocrático. Mais uma vez fixou-se no fato dela ser muito alva. Sua pele era tão branca que se tornava leitosa, trazia-lhe uma lembrança agradável.

Alyrio já havia se despedido, entrava no carro quando se lembrou da prima com quem acabou transando na madrugada do velório de um tio, quando ninguém mais aguentava ficar na sala e a família foi se espalhando pelos quartos da casa. Era tanto parente que, ao se sentir abatido pelo sono, ele entrou em um dos quartos em que ainda havia uma cama vazia. Deitou-se já quase pegando no sono. No entanto, a prima que mais lhe dava tesão entrou em seguida, enfiou-se na mesma cama. Ele ainda se recordava do susto que lhe perpassou todos os órgãos quando ela lhe fez a primeira carícia ousada. Aquela sua prima também era tão branca que reluzia no escuro do quarto como uma lâmpada fosforescente. Para seus anos de juventude, foi um ato tão ousado transar com uma prima, tentando evitar os ruídos, numa casa cheia de parentes e com um deles morto na sala que ele jamais esqueceu a sensação. Mesmo no carro, enfrentando os quilômetros de congestionamento da cidade de São Paulo, foi capaz de sorrir, sentir um arrepio a perpassar-lhe a espinha.

Maria Lya vivia num sobrado geminado do Campo Belo e sua filha morreu num hospital na Avenida Santo Amaro. O apartamento em que vivera os últimos anos de sua vida era no bairro do Jabaquara. Alyrio dirigiu-se para lá.